

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ-MACAÉ**

**ATIVIDADES LÚDICAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

MACAÉ

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ-MACAÉ**

MARIA EDUARDA DE ARRUANTE LANCETA RAMOS NOBRE DOS SANTOS

**ATIVIDADES LÚDICAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso apresentado ao curso de Nutrição do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Nutrição. Orientadora: Prof^a Ana Eliza Port Lourenço. Coorientação: Prof^a Gizele da Conceição Soares Martins.

MACAÉ

2022

CIP - Catalogação na Publicação

d332a	de Arruante Lanceta Ramos Nobre dos Santos, Maria Eduarda
	ATIVIDADES LÚDICAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA / Maria Eduarda de Arruante Lanceta Ramos Nobre dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2022.
	48 f.
	Orientadora: Ana Eliza Port Lourenço. Coorientadora: Gizele da Conceição Soares Martins. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Alimentação e Nutrição, Bacharel em Nutrição, 2022.
	1. Educação Alimentar e Nutricional. 2. Escola. 3. Promoção da saúde . 4. Extensão universitária .
	I. Port Lourenço, Ana Eliza, orient. II. da Conceição Soares Martins, Gizele, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

ATIVIDADES LÚDICAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado por Maria Eduarda de Arruante Lanceta Ramos Nobre dos Santos ao Curso de Graduação em Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Campus UFRJ-Macaé, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Nutrição.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2022.

BANCA AVALIADORA



Ana Eliza Port Lourenço
Orientadora – SIAPE/UFRJ
1858546



Gizele da Conceição Soares
Martins Co-orientadora



Leila Brito Bergolda
Avaliadora 1



Priscila Vieira
Pontes Avaliadora 2

LISTA DE SIGLAS

EAN - Educação Alimentar e Nutricional

EAD - Educação à distância

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras

GAPB - Guia Alimentar para a População Brasileira

MREAN - Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional

OMS - Organização Mundial da Saúde

PAAS - Promoção à alimentação adequada e saudável

PAT - Programa de Alimentação do Trabalhador

PIPS - Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Revisão de literatura.....	10
2.1 Extensão universitária e promoção da saúde.....	10
2.2 Educação e Educação Alimentar e Nutricional.....	13
3. Justificativa.....	17
4. Objetivos.....	18
4.1 Objetivo geral.....	18
4.2 Objetivos específicos.....	18
5. Métodos.....	18
5.1 Descrição do contexto.....	19
5.2 Procedimentos realizados.....	19
5.3 Realização das atividades.....	22
5.4 Avaliação das atividades.....	22
6. Resultados.....	23
6.1 Resultados das atividades de planejamento.....	23
6.2 Caracterização das atividades desenvolvidas.....	24
6.2.1 Peça teatral.....	24
6.2.2 Atividade avaliativa: Dinâmica de cartas.....	27
6.2.3 Atividade de experimentação: Carimbo de beterraba.....	28
6.3 Avaliação das atividades.....	30
6.3.1 Por parte da escola.....	30
6.3.2 Por parte das crianças.....	30
6.3.3 Por parte dos graduandos.....	31
7. Reflexões sobre a experiência educativa.....	35
8. Considerações finais.....	37
9. Referências.....	38

Resumo:

Introdução: A extensão universitária promove troca de conhecimento entre universidade e sociedade. Ações de extensão que visam a promoção da saúde favorecem a formação dos graduandos e proporcionam benefícios para a população. Dentre as ações de promoção da saúde, destacam-se as de Promoção da Alimentação Adequada e Saudável (PAAS). A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é uma das principais estratégias de PAAS. Em especial na educação infantil, a EAN está relacionada às representações sobre o alimento, conhecimentos, atitudes e valores, e pode ser feita de forma lúdica para favorecer o aprendizado.

Objetivo: Descrever a experiência de atividades lúdicas de EAN desenvolvidas no âmbito da extensão universitária em uma escola municipal de educação infantil da rede pública de Macaé. **Métodos:** Trata-se de um relato de experiência, produto da extensão universitária realizada pelo Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde (PIPS). As atividades ocorreram no período de setembro a dezembro de 2019. Dois projetos do PIPS trabalharam de forma integrada: uma peça teatral sobre a origem dos alimentos; uma atividade avaliativa com figuras de alimentos; e uma atividade de experimentação com carimbos feitos com beterraba. Foi feita ainda uma avaliação das atividades pelos graduandos da equipe por meio de grupo focal. **Resultados:** O planejamento e realização das atividades foram concluídos com êxito. Cada atividade foi realizada 12 vezes, com turmas diferentes, de uma mesma escola. As crianças participaram e interagiram durante as atividades e a escola recebeu bem a equipe dos projetos. Os graduandos interagiram de forma espontânea no grupo focal. O contato com as crianças e o aprendizado interdisciplinar foram os principais aspectos positivos da experiência mencionada pelo grupo. **Considerações finais:** Este trabalho reforça o impacto da extensão universitária na formação dos graduandos e na transformação social. Destaca-se também a importância de ações de EAN no âmbito escolar, incluindo ludicidade e interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Educação Alimentar e Nutricional; Escola; Promoção da Saúde; Extensão universitária.

1. Introdução

O plano nacional de extensão universitária é baseado nos pilares do tripé ensino-pesquisa-extensão, favorecendo a formação dos alunos para atuarem junto à comunidade (SANTANA *et al.*, 2021). A extensão promove a troca de conhecimento entre a universidade e a sociedade, favorecendo a aproximação com instituições locais e a população (LOURENÇO e BERGOLD, 2019). Sendo assim, a extensão universitária é de suma importância porque proporciona benefícios tanto para a sociedade quanto para a formação do estudante. Para os alunos, o impacto da interação entre universidade e população constitui-se em possibilidade e mecanismo de formação afinada com as necessidades sociais (MOREIRA e PELLIZARO, 2009).

Nesse sentido, as universidades públicas possuem um papel fundamental para a geração de conhecimento através de aulas, estágios, iniciação científica, extensão universitária, dentre outras atividades (DE SOUZA e BEZERRA, 2019). Em especial, as ações de extensão que visam a promoção da saúde, para além de favorecer a formação dos graduandos, proporcionam benefícios para a sociedade.

A Política Nacional de Promoção da Saúde define promoção da saúde como um conjunto de estratégias dos serviços de saúde, populações e associações sociais que visam a melhoria das condições de saúde individual e coletiva, com o principal objetivo de auxiliar na redução das situações de vulnerabilidade, com defesa das iniquidades (BRASIL, 2010). Dentre as ações de promoção da saúde, destacam-se aquelas de promoção da alimentação adequada e saudável (PAAS), que visam favorecer escolhas alimentares saudáveis e, por conseguinte, melhorias nas condições de saúde e nutrição. As ações de PAAS são capazes de prevenir o desenvolvimento de doenças, sobretudo aquelas crônicas não transmissíveis, em todas as fases do curso da vida (CAPELLI *et al.*, 2018). Há três vertentes principais de ações de PAAS: incentivo, apoio e proteção, que devem ser enfatizadas nas políticas públicas, visando criar ambientes favoráveis à saúde, reforçar a ação comunitária e reorientar os serviços na perspectiva da promoção da saúde (LOURENÇO e PONTES, 2019).

A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é a principal estratégia de PAAS na dimensão de incentivo, que visa, em linhas gerais, sensibilizar os indivíduos e grupos sobre hábitos alimentares saudáveis, estimulando a prática autônoma

(BRASIL, 2012). No contexto da realização do Direito Humano à Alimentação Adequada e da garantia da Segurança Alimentar e Nutricional, a EAN é um campo de conhecimento e prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional. A EAN pode acontecer tanto nos locais formais de educação, quanto nos diferentes espaços sociais, tais como unidades de saúde, associações de moradores, centros esportivos, feiras, dentre outros (BRASIL, 2012). Em especial no ambiente escolar, a PAAS por meio da EAN é fundamental, pois contribui para a construção dos hábitos alimentares dos estudantes, bem como para a prevenção de doenças e a promoção de saúde (DANELON *et al.*, 2006; COSTA, CORDEIRO e LOURENÇO, 2017; LOURENÇO e PONTES, 2019).

Desde 2018, a EAN compõe o currículo escolar, de acordo com a Lei N° 13.666 sancionada pelo Congresso Nacional, sendo uma das diretrizes do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Na educação infantil, está relacionada às representações sobre o alimento, conhecimentos, atitudes e valores, sendo primordial para a formação dos gostos, preferências e hábitos alimentares (ZANCUL, 2008; COSTA, CORDEIRO e LOURENÇO, 2017).

Destaca-se que atividades lúdicas podem contribuir para que a EAN seja desenvolvida com maior facilidade, em especial entre as crianças. Por meio de jogos, brincadeiras e peças teatrais, as atividades favorecem o desenvolvimento das habilidades cognitivas e da construção de conhecimento (NICOLAIEWSKY, 2017). Nesse sentido, as atividades lúdicas têm sido cada vez mais valorizadas no ambiente escolar, pois além de contribuir para o desenvolvimento infantil, proporcionam uma relação positiva para com o aprender. A ludicidade tem sido utilizada para a promoção da saúde por meio da EAN em escolas, especialmente via extensão universitária (CORDEIRO, LOURENÇO E PONTES, 2017; DOS SANTOS e BERGOLD, 2018).

O Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde (PIPS) é um programa de extensão do Centro Multidisciplinar UFRJ Macaé (UFRJ Macaé) que integra projetos que trabalham a temática da promoção da saúde. O PIPS têm oportunizado vasta troca de saberes com a sociedade e contribuído para uma formação discente diferenciada, engajada e cidadã, incentivando o trabalho em equipe e o respeito às diferenças. Na formação dos alunos, a vivência no PIPS contribui para aprimorar a capacidade de planejar e desenvolver atividades de promoção da saúde (LOURENÇO e BERGOLD, 2019).

O PIPS inclui ações guiadas pela ludicidade, em especial via projetos na linha de PAAS e promoção da saúde por meio da arte, que desenvolvem ações junto a diferentes públicos e cenários (BERGOLD *et al.*, 2019; LOURENÇO *et al.*, 2019; PONTES e LOURENÇO, 2019; CORDEIRO, 2019). O presente trabalho insere-se nesse contexto e abordará ações de EAN desenvolvidas por dois projetos do PIPS, articulando PAAS e teatro.

2. Revisão de literatura

2.1 Extensão universitária e promoção da saúde

De acordo com o primeiro Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras em 1987, a extensão universitária foi definida como:

“...processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. (...). Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social” (apud FORPROEX, 2012, p. 15).

A Política Nacional de Extensão Universitária se estabelece a partir do Plano Nacional de Extensão, formulado pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. A política prevê o desenvolvimento de ações de extensão por meio de projetos, atividades culturais, cursos, eventos, entre outros (FORPROEX, 2012).

A extensão universitária é reconhecida como um dos três pilares da Educação Superior Brasileira. A educação extensionista se traduz por uma troca de experiência entre a universidade e a sociedade por meio de diversas ações. A extensão, para além de - como o próprio nome sugere - estender o conhecimento aprendido para “fora” da universidade, visa a troca de saberes com a comunidade, a construção de conhecimento e a formação universitária de qualidade (FORPROEX, 2012).

São cinco as diretrizes para a extensão universitária, a saber: Interação dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão, Impacto na formação do estudante e Impacto na transformação social (FORPROEX, 2012). Espera-se que todas as ações de extensão busquem contemplar o conjunto desses princípios.

1. Interação dialógica:

Essa diretriz orienta a relação, através da interação dialógica, entre a universidade e as organizações sociais. Essa diretriz orienta que as ações de extensão devem priorizar a troca de saberes. Isso pois não é só a universidade que possui conhecimento, mas a sociedade também. Sendo assim, juntas, universidade e sociedade, podem produzir conhecimentos novos.

2. Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade

Essa diretriz busca compreender a especialização e a visão holística combinadas, considerando que a realidade social é complexa. Nesse sentido, espera-se que haja consistência entre teoria e prática na extensão universitária. Espera-se que as diversas ações extensionistas busquem incluir diferentes áreas de conhecimento e profissionais.

3. Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão

Essa diretriz salienta que as ações de extensão são mais efetivas quando vinculadas à formação de pessoas e à geração de conhecimento. A articulação da extensão com o ensino e a pesquisa, favorece a formação técnica e cidadã. Essa diretriz traz um novo conceito, salientando que se aprende em qualquer lugar, não apenas em um espaço físico delimitado, substituindo o “estudante-professor” para o “estudante-professor-comunidade”. Sendo assim, as atividades de extensão devem ser articuladas com ensino e pesquisa para fortalecimento mútuo.

4 Impacto na formação do estudante

Toda ação de extensão deve envolver os estudantes e oportunizar que exerçam proatividade e liderança, vivenciem a realidade social, bem como aprimorem recursos pessoais diversos, tais como oralidade e empatia.

5. Impacto na transformação social

Essa diretriz tem por objetivo reforçar a relação da universidade com os outros setores da sociedade, com o objetivo de contribuir para as necessidades da população e o aprimoramento das políticas públicas. Em última instância, espera-se que as ações de extensão promovam transformação social, contribuindo com a formação de pessoas, geração de conhecimentos, aprimoramento de serviços e fortalecimento da cidadania.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades” (OMS, 2018). Dito isso, promover saúde é uma estratégia primordial para favorecer a qualidade de vida da população.

A extensão é uma das vias utilizadas dentro das universidades para a promoção da saúde, pois oportuniza aprendizado e conhecimento aos futuros profissionais da saúde e a comunidade. Dentro da promoção da saúde, existem ações específicas, como por exemplo as de PAAS, que têm como principal objetivo favorecer hábitos alimentares saudáveis e o cumprimento do direito humano à alimentação adequada e saudável.

A alimentação adequada e saudável no Guia Alimentar para a População Brasileira é definida como:

“...um direito humano básico que envolve a garantia ao acesso permanente e regular, de forma socialmente justa, a uma prática alimentar adequada aos aspectos biológicos e sociais do indivíduo e que deve estar em acordo com as necessidades alimentares especiais; ser referenciada pela cultura alimentar e pelas dimensões de gênero, raça e etnia; acessível do ponto de vista físico e financeiro; harmônica em quantidade e qualidade, atendendo aos princípios da variedade, equilíbrio, moderação e prazer; e baseada em práticas produtivas adequadas e sustentáveis” (BRASIL, 2014, p. 8).

No ambiente escolar, incentivar a PAAS é essencial, visto que é o local onde os alunos passam a maior parte do seu dia. Com o intuito de favorecer hábitos alimentares saudáveis nas escolas, o Ministério da Saúde elaborou os dez passos para realizar a PAAS nas escolas (BRASIL, 2006). São eles: a escola deve definir

estratégias, em conjunto com a comunidade escolar, para favorecer escolhas saudáveis; reforçar a abordagem da promoção da saúde e da alimentação saudável nas atividades curriculares da escola; desenvolver estratégias de informação às famílias dos alunos para a promoção da alimentação saudável no ambiente escolar, enfatizando sua co-responsabilidade e a importância de sua participação neste processo; sensibilizar e capacitar os profissionais envolvidos com alimentação na escola para produzir e oferecer alimentos mais saudáveis, adequando os locais de produção e fornecimento de refeições às boas práticas para serviços de alimentação e garantindo a oferta de água potável; restringir a oferta, a promoção comercial e a venda de alimentos ricos em gorduras, açúcares e sal; desenvolver opções de alimentos e refeições saudáveis na escola; aumentar a oferta e promover o consumo de frutas, legumes e verduras, com ênfase nos alimentos regionais; auxiliar os serviços de alimentação da escola na divulgação de opções saudáveis por meio de estratégias que estimulem essas escolhas; divulgar a experiência da alimentação saudável para outras escolas, trocando informações e vivências; e desenvolver um programa contínuo de promoção de hábitos alimentares saudáveis, considerando o monitoramento do estado nutricional dos escolares, com ênfase em ações de diagnóstico, prevenção e controle dos distúrbios nutricionais.

2.2 Educação e Educação Alimentar e Nutricional

A educação é uma prática social essencial para a construção de uma sociedade. Na contemporaneidade, o modelo de educação mais prevalente é o linear e/ou vertical que, em linhas gerais, considera o saber científico como superior ao saber comum/cultural. Nessa perspectiva insere-se a formação de capital humano, ou seja, de construção de indivíduos para o mercado de trabalho (GADOTTI, 2007). Esse modelo não está afinado com a perspectiva de interação dialógica da extensão universitária, nem com os princípios da promoção da saúde.

Para pensar em uma educação que seja diferente da ideologia do capital humano, e mais direcionada a atender às demandas sociais, é necessário um aprofundamento complexo sobre os fundamentos da educação que está sendo aplicada (MACIEL, 2011). Nesse sentido, é pertinente mencionar diferentes pensadores, que trabalharam ideais de educação pela ótica horizontal, dialógica e engajada com a realidade social. Dentre esses, destaca-se Paulo Freire, que

trouxe reflexões sobre a educação popular, libertadora e emancipadora. Freire (1997) defendia que uma educação problematizadora era essencial. Aplicar a educação popular ainda é um desafio nos dias de hoje. Porém, em especial na educação de jovens e adultos no Brasil, os ideais de Freire têm estado presentes, com vistas a promover a reflexão das pessoas sobre sua própria condição de opressão e, assim, estimular a busca coletiva por soluções, diminuir o impacto da pobreza e promover melhora das condições de vida (MACIEL, 2011).

Jean Piaget é outro influente pesquisador da educação, em especial no que se refere à educação na infância. Seguindo a linha de que a criança aprende com o estímulo que lhe é oferecido, Piaget impulsionou a teoria do construtivismo, que considera que a criança passa por várias etapas para adquirir e construir o conhecimento, através de quatro fatores essenciais para o desenvolvimento: biológico, experiência e exercícios, interações sociais e equilíbrio das ações (MASTELLA, 2014).

Tendo como fundamentação teórica os pensamentos de Freire, Piaget e outros pesquisadores da educação numa perspectiva não-verticalizada, foi construído o Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas (MREAN) (BRASIL, 2012). A EAN encontra-se definida no MREAN da seguinte forma:

“(...) é um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial, e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis. A prática da EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar” (BRASIL, 2012, p. 23).

A EAN surgiu no Brasil por volta da década de 30, durante a revolução industrial, através da criação das leis trabalhistas, que definiam as cestas básicas para melhorar a condição de fome e desigualdade no país. As ações eram centradas em campanhas de introdução de alimentos que não eram usualmente consumidos e de práticas educativas. Essas ações eram feitas pelas "Visitadoras de Alimentação" e eram consideradas invasivas pela população. Já na década de

1970 e 1980, um conjunto de ações foram feitas para impulsionar o consumo de soja. Essas ações visavam apenas o valor nutricional dos alimentos e desconsideravam os aspectos culturais e sensoriais (BRASIL, 2012).

Tradicionalmente as ações de EAN eram pautadas na perspectiva verticalizada da educação e na visão essencialmente biológica dos alimentos e esse contexto perdurou até o início do processo de renovação da promoção da saúde pela OMS, na década de 1990. A partir dessa época, o termo “promoção de práticas alimentares saudáveis” começou a surgir no Brasil. A partir de 2003, as ações de EAN aumentaram consideravelmente nas iniciativas públicas, principalmente por meio do aprimoramento do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e do Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT) (BRASIL, 2012). Ressalta-se que o PNAE, realizado em todas escolas públicas do território nacional, incentiva a formação de hábitos alimentares saudáveis que colaboram para a aprendizagem, boa saúde e qualidade de vida.

Identifica-se uma evolução quando se compara os textos da Política Nacional de Alimentação e Nutrição em sua primeira versão, em 1999, e o publicado em 2012, quando o MREAN foi elaborado. O MREAN é considerado um avanço e foi produzido por entidades governamentais e não governamentais. Tem como objetivo promover reflexão e orientação da prática da EAN articulada com diversos setores vinculados ao processo de produção, processamento, abastecimento, comercialização, distribuição e consumo dos alimentos. O MREAN, portanto, propõe ir além do modelo verticalizado de educação e da perspectiva biológica, e trabalhar a EAN de forma a contemplar as diferentes dimensões da alimentação saudável, em modelos dialógicos junto aos atores envolvidos, em conformidade com o que propõe o Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB) (BRASIL, 2014).

O GAPB apresenta orientações alimentares que diferem das tradicionais, pois incorporam não apenas perspectivas biológicas. As recomendações do GAPB baseiam-se nas diferentes dimensões da alimentação saudável, tais como: direito humano, que se refere ao acesso regular e permanente à alimentação em quantidade e qualidade suficientes; biológica; ambiental, que se refere ao processo de produção, comercialização e consumo; sociocultural, que aborda os valores diferentes que as pessoas e grupos sociais têm dos alimentos; e econômica, que envolve a relação trabalhista no sistema alimentar (BRASIL, 2014).

O GAPB e o MREAN consistem, portanto, nas principais referências nacionais para guiar ações de PAAS e, mais especificamente, de EAN. Nessa direção, destaca-se que o MREAN possui nove princípios norteadores de ações de EAN (BRASIL, 2012), sendo eles:

1. Sustentabilidade social, ambiental e econômica: esse princípio ressalta a reflexão sobre os padrões de produção, abastecimento, comercialização, distribuição e consumo de alimentos, não se limitando apenas às questões ambientais, mas também as relações sociais, humanas e econômicas acerca da alimentação.

2. Abordagem do sistema alimentar, na sua integralidade: trata-se de reforçar o sistema alimentar como o processo que abrange desde o acesso à terra, até consumo dos alimentos, incluindo as práticas alimentares individuais e coletivas, a geração e a destinação de resíduos, ou seja, de forma integral. O objetivo deste princípio é contribuir para que os indivíduos façam escolhas conscientes para que possam questionar as etapas anteriores do sistema alimentar.

3. Valorização da cultura alimentar local e respeito à diversidade de opiniões e perspectivas, considerando a legitimidade dos saberes de diferentes naturezas: trata-se de evidenciar que a EAN deve considerar os saberes provenientes da cultura, religião e ciência, com o objetivo de respeitar e valorizar as diferentes culturas alimentares da população brasileira.

4. A comida e o alimento como referências; Valorização da culinária enquanto prática emancipatória: esse princípio reforça que a alimentação está além da dimensão biológica e envolve diferentes aspectos como valores culturais, sociais, afetivos e sensoriais, ou seja, as pessoas não se alimentam somente de nutrientes. Além disso, aborda a importância da autonomia na prática culinária.

5. A Promoção do autocuidado e da autonomia: esse princípio aborda o autocuidado como um dos aspectos do viver saudável e possui o principal objetivo de gerar conhecimentos e habilidade às pessoas para que adotem, mudem e mantenham comportamentos que contribuam para a sua saúde.

6. A Educação enquanto processo permanente e gerador de autonomia e participação ativa e informada dos sujeitos: o princípio indica que a EAN deve estar presente ao longo de todo o curso da vida, ampliando os graus de autonomia, desde a formação dos hábitos alimentares na primeira infância à organização da sua alimentação fora de casa na idade adulta. A abordagem de EAN deve ir além da transmissão de conhecimento, visando gerar reflexão sobre as situações cotidianas.

7. A diversidade nos cenários de prática: as estratégias e ações de EAN devem acontecer em diferentes cenários e estarem disponíveis para diferentes grupos populacionais.

8. Intersetorialidade: trata-se de incluir, nas práticas de EAN, diferentes setores governamentais, para favorecer a construção de ações intersetoriais em detrimento da troca e a construção coletiva de saberes, de forma a garantir uma alimentação adequada e saudável.

9. Planejamento, avaliação e monitoramento das ações: esse princípio reforça que o planejamento é importante para a eficácia das ações de EAN, considerando os demais princípios. A avaliação e o monitoramento são imprescindíveis para que o processo de planejamento alcance bons resultados.

3. Justificativa

As atividades educativas descritas neste trabalho são importantes, pois além de beneficiar o grupo de pré-escolares que foram atendidos, podem ser replicadas e motivadoras para o desenvolvimento de outras ações. Essa é uma justificativa central deste trabalho, pois as atividades foram bem sucedidas e são descritas detalhadamente.

As ações de EAN são em especial relevantes por terem sido feitas com crianças no espaço escolar. Destaca-se que a infância é o período em que a criança desenvolve seus gostos, preferências e hábitos alimentares, tendo influência do ambiente familiar e escolar, dentre outros espaços sociais. As crianças também sofrem influência nas escolhas alimentares pelos meios de comunicação, que são utilizados pelas indústrias alimentícias. Esses alimentos são normalmente produtos ultraprocessados, ricos em gorduras, sódio e açúcares, e o seu consumo favorece o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis

ainda na infância. Sendo assim, a PAAS no ambiente escolar é essencial para a promoção da saúde.

O uso da ludicidade é outro ponto forte deste trabalho, pois promove maior aprendizado nas ações. O conhecimento adquirido pelas crianças por meio das atividades relatadas pode perdurar pela vida toda, o que irá favorecer a sua saúde na fase adulta. Além disso, as crianças frequentemente compartilham o aprendizado da sala de aula com seus familiares, construindo uma rede de saberes, que potencializa ainda mais o impacto das atividades relatadas neste trabalho.

Ações de extensão promotoras da saúde contribuem para uma formação diferenciada para os discentes, pois favorecem a aproximação com a prática profissional e as necessidades sociais. Sendo assim, o presente trabalho também é relevante por impactar na formação da equipe de graduandos que desenvolveu as atividades. Nessa direção, a leitura deste trabalho pode contribuir para motivar outros graduandos a atuar na extensão universitária e no campo da EAN e da promoção da saúde.

4. Objetivos

4.1 Objetivo geral

Descrever a experiência de atividades lúdicas de EAN desenvolvidas no âmbito da extensão universitária em uma escola municipal de educação infantil da rede pública de Macaé.

4.2 Objetivos específicos

- Descrever o planejamento das atividades lúdicas de EAN realizadas em uma escola municipal de educação infantil da rede pública de Macaé;
- Caracterizar as atividades desenvolvidas;
- Avaliar as atividades desenvolvidas.

5. Métodos

Trata-se de um relato de experiência, produto da extensão universitária, realizada no âmbito do PIPS, vinculado às linhas de PAAS e promoção da saúde por meio da arte.

5.1 Descrição do contexto:

O PIPS é um programa de extensão da UFRJ Macaé que integra projetos de extensão na temática da promoção da saúde, dentro de diferentes linhas, tais como: promoção da saúde por meio da arte; promoção da alimentação adequada e saudável, e promoção da saúde por meio da informação e da comunicação. Os projetos do PIPS atuam nas diferentes linhas, desenvolvem ações independentes, bem como buscam interagir entre si, desenvolvendo ações conjuntas.

O Como Crescemos é um projeto do PIPS que realiza ações de diagnóstico nutricional nas escolas (medição e pesagem de alunos) e desenvolve atividades educativas sobre saúde e nutrição com estudantes, pais, professores e funcionários da comunidade escolar. Foi um dos primeiros projetos de extensão da UFRJ Macaé que desenvolveu ações junto a escolas municipais na temática de PAAS.

O Brinca que Melhora é outro projeto do PIPS, desenvolvido desde 2012, realizando atividades lúdicas que estimulam funções cognitivas e promovem saúde junto a diferentes públicos. É um projeto interdisciplinar com enfoque na atuação do palhaço como intermediário das estratégias de promoção da saúde. O projeto tem atuado principalmente junto a escolares, idosos residentes em instituições de longa permanência e crianças hospitalizadas.

Buscando atender a proposta do PIPS de promoção da saúde como um processo interdisciplinar, educativo, cultural e científico, os projetos Brinca que Melhora e Como Crescemos têm realizado atividades integradas e interdisciplinares. São projetos de linhas temáticas distintas (PAAS e Arte), mas com ampla possibilidade de interface, em especial por meio da aproximação da ludicidade com a PAAS.

Esses projetos se alinharam para desenvolver ações conjuntas no espaço escolar, abordando PAAS e o lúdico por meio da palhaçaria. O presente trabalho descreve as ações resultantes desse alinhamento do Brinca que Melhora com o Como Crescemos em uma escola pública de educação infantil (EMEI) do município de Macaé – RJ, que participa de ações de extensão de projetos do PIPS desde 2013.

5.2 Procedimentos realizados:

A EMEI em que ocorreram as ações foi visitada pelo projeto Como Crescemos nos anos de 2014 e 2018, quando foram feitas medições antropométricas das crianças, como a verificação do peso e da altura. Nessas avaliações, foi identificada elevada prevalência de sobrepeso e obesidade entre as crianças, o que motivou o desenvolvimento de ações educativas de intervenção nesta escola.

Como demanda da direção da própria EMEI, o Como Crescemos buscou fazer ações de PAAS junto às crianças, de forma a dialogar com a escola sobre os resultados encontrados na avaliação antropométrica. Foi então percebida a possibilidade de interface entre o Como Crescemos e o Brinca que Melhora, que passaram a pensar juntos nessas ações. Então, em junho de 2019, foi feito novo contato com a direção da EMEI para avaliar as demandas da escola e organizar a participação dos projetos.

Primeiramente, a equipe do Brinca que Melhora - composta por três discentes do curso de medicina, um do curso de enfermagem e a professora responsável - trabalhou em separado, pesquisando uma proposta preliminar de atividade teatral lúdica sobre PAAS para a faixa etária pré-escolar.

No início de setembro de 2019, houve uma primeira reunião de aproximação entre os projetos para apreciar e discutir a peça teatral proposta pela equipe do Brinca que Melhora. O Brinca que Melhora apresentou uma proposta de roteiro de esquete curta, com cerca de 10 minutos de duração. Foi feita uma breve roda de conversa sobre esse enredo. Percebeu-se que os conhecimentos sobre PAAS dos integrantes dos projetos não estavam plenamente alinhados. Sendo assim, o grupo decidiu fazer uma oficina sobre PAAS, visando a formação da equipe acerca dos principais referenciais teóricos sobre esse tema.

A equipe do Como Crescemos, composta por quatro discentes do curso de Nutrição e a professora responsável, trabalhou no preparo dessa oficina. Houve um encontro das graduandas da equipe com a professora para fins de treinamento e supervisão. Nesse encontro, elas pensaram em uma atividade expositiva sobre o GAPB e o MREAN, seguida por uma atividade interativa, utilizando figuras de alimentos. Durante esse treinamento, as discentes e a professora revisaram os materiais e conversaram sobre dúvidas diversas, de forma que as graduandas se sentissem preparadas para conduzir essa oficina junto à equipe do Brinca que Melhora.

A oficina ocorreu no final de setembro de 2019, na sala do PIPS, em dia único, com duração aproximada de três horas, contando com a participação das equipes dos dois projetos. Foi feita exposição dialogada, com cerca de 30 minutos de duração, sobre as principais orientações do GAPB e os princípios do MREAN. Em seguida, ocorreu uma roda de conversa sobre os temas abordados, também com duração de cerca de 30 minutos. Na sequência, a equipe do Como Crescemos pediu para cada integrante do Brinca que Melhora montar um lanche saudável ou uma pequena refeição, utilizando figuras de alimentos diversos que foram distribuídas sobre uma mesa. A partir das escolhas alimentares que cada integrante fez para montar o cardápio desse lanche, foi feita nova roda de conversa. Essa teve duração de cerca de uma hora.

A partir do resultado da oficina, a equipe do Brinca que Melhora trabalhou em uma nova proposta de roteiro para a peça. A peça final foi denominada “Origem dos Alimentos” e buscou acolher os princípios do GAPB e do MREAN, adaptados para a faixa etária pré-escolar. Esse novo enredo foi apreciado pela equipe dos dois projetos. Em outubro, iniciaram os ensaios da peça. Foram realizados um total de cinco ensaios, feitos em salas de aulas vagas da cidade universitária de Macaé. Os graduandos do Brinca que Melhora foram atores-palhaços, caracterizados com jaleco branco e colorido, além de pintura facial característica. As graduandas do Como Crescemos participavam dos ensaios, tecendo observações e comentários construtivos.

Além da peça teatral, foram planejadas também uma atividade avaliativa e uma de experimentação, totalizando então um conjunto de três atividades lúdicas a serem feitas com as diferentes turmas da EMEI.

A atividade avaliativa, denominada “Dinâmica de Cartas”, foi pensada como um jogo de perguntas e respostas, utilizando cartas com imagens de alimentos. As cartas de papel tinham fotos de raízes (batata, mandioca, beterraba e cenoura) e frutas (uva, maçã, laranja e banana). Esses alimentos escolhidos para o roteiro foram baseados no cardápio alimentar disponibilizado pela própria escola, com a intenção da criança associar a peça com o que ela já costuma comer na escola. O objetivo da atividade era que os pré-escolares aprendessem o nome do vegetal/fruta e se esses nasciam debaixo da terra (raiz) ou na árvore. Um dos palhaços escolhia um aluno de cada vez para puxar uma carta, com a imagem ocultada. Quando virava a carta, a criança via o alimento e respondia qual era o

alimento e a sua origem. Após a performance da peça, os atores-palhaços retornavam para jogar com as crianças. A dinâmica do jogo era feita com o intuito de avaliar o entendimento das crianças acerca da mensagem da peça.

A atividade de experimentação, denominada “Carimbo de Beterraba”, acontecia após a “Dinâmica das Cartas”, visando oportunizar que as crianças manipulassem um alimento de forma divertida. Um dos atores-palhaços passava beterraba na mão da criança, que em seguida carimbava a mão em uma folha de papel. Ao final, outro ator-palhaço limpava as mãos das crianças com lenço umedecido.

No momento da apresentação na EMEI, as alunas do Como Crescemos apresentavam e organizavam a entrada dos palhaços nas salas de aula, bem como auxiliavam na atividade avaliativa e de experimentação. Os alunos do Brinca que Melhora eram os atores-palhaços que realizavam a peça. A equipe do Brinca que Melhora providenciou o vestuário e maquiagem dos atores, bem como materiais de apoio para a peça, tais como: uma árvore de maçã feita com folha de E.V.A., um regador infantil, um vaso de planta com terra e folhas de papel.

5.3 Realização das atividades:

As atividades ocorreram no período de 17 de outubro a 12 de dezembro de 2019. Cada vez que os projetos iam à EMEI, as três atividades (peça + avaliativa + experimentação) eram feitas duas ou três vezes (com diferentes turmas). Os projetos foram à escola em cinco dias diferentes, totalizando 12 apresentações da peça e das outras atividades. As turmas eram de maternal 1 e 2 e pré 1 e 2 (média de 10 a 15 alunos por turma) com faixa etária de 3 a 6 anos de idade.

Havia a intenção de continuar as atividades em outras escolas, mas essa ideia foi suspensa devido ao cenário pandêmico que se instalou.

5.4 Avaliação das atividades:

A avaliação das atividades ocorreu em três domínios: escola, crianças participantes e equipe dos projetos.

A avaliação da escola foi feita de forma subjetiva, segundo a percepção da equipe acerca da receptividade e colaboração da escola.

A avaliação da participação das crianças foi feita com base em observação direta da interação durante as atividades. Já a avaliação mais específica do aprendizado deu-se por meio da atividade de “Dinâmica das Cartas”.

A avaliação das atividades por parte da equipe dos projetos, foi feita por meio da análise dos relatórios produzidos pelos graduandos após cada atividade. Foi feito também um grupo focal com o objetivo de identificar a percepção dos graduandos sobre aspectos positivos e negativos das atividades desenvolvidas. O grupo focal ocorreu em agosto de 2022, em ambiente virtual, mediado por uma professora da UFRJ Macaé que não tinha tido contato com os graduandos do grupo anteriormente. Uma graduanda da UFRJ Macaé participou como observadora, auxiliando com anotações. Seguiu-se um roteiro norteador de entrevista, construído especificamente para este grupo focal (Anexo 1). As falas do grupo foram transcritas e analisadas de forma qualitativa, com base em duas categorias temáticas: (1) aspectos positivos da experiência e (2) aspectos negativos da experiência. Os graduandos foram identificados no texto por letras e com gênero masculino de escrita para manter confidencialidade das falas.

6. Resultados:

6.1 Resultado das atividades de planejamento

A fase de planejamento foi fundamental para alinhar os projetos que, mesmo integrando o mesmo programa, tinham visões e formações diferentes. Foi essencial para a formação e amadurecimento da equipe. Além disso, teve impacto direto na qualidade da atividade desenvolvida que, como explicado a seguir, foi aprimorada de forma a atender as orientações do GAPB e do MREAN.

A ideia inicial dos alunos do Brinca que Melhora, era fazer uma peça teatral, que iniciava com um dos atores-palhaços tirando de dentro de uma lancheira alimentos industrializados, como refrigerantes e biscoitos recheados. Outro ator-palhaço viria e mostraria que esses alimentos eram considerados “ruins” e mostraria para os alunos de forma lúdica quais alimentos “podiam” (frutas, legumes e verduras) e quais “não podiam” (nesse caso, os ultraprocessados).

Durante as reuniões de planejamento, foram levantados potenciais problemas desta proposta, tais como: será que crianças de escolas públicas de educação infantil de Macaé têm contato com os alimentos sugeridos na lancheira? Haveria o risco da peça estar apresentando e divulgando esses alimentos para as

crianças? Outra questão é que as EMElS de Macaé são atendidas pelo PNAE, sendo na maioria delas proibido aos alunos trazer alimentos de casa. Sendo assim, a figura da lancheira poderia não representar a realidade das crianças. Ou ainda, a lancheira poderia desincentivar o consumo da alimentação escolar pública. Destaca-se ainda que a visão “pode ou não pode” acerca dos alimentos é complexa de ser feita na educação infantil e não está alinhada com as orientações do GAPB.

Diante destes questionamentos, a peça foi aprimorada coletivamente pelos projetos, resultando em um enredo mais adequado ao público e aos referenciais de PAAS. A peça final teve como tema a origem dos alimentos, buscando apresentar e valorizar aqueles *in natura* (quais alimentos eram raízes e quais vinham das árvores frutíferas). A ideia deste tema partiu dos próprios graduandos do Brinca que Melhora, ao final da oficina sobre o GAPB e o MREAN, o que demonstra a importância dessa etapa de planejamento para a construção da atividade em si, e para a formação dos graduandos.

A fase de planejamento foi importante também para aproximar os graduandos entre si e favorecer o trabalho conjunto e interdisciplinar. As graduandas de nutrição estavam na época cursando o terceiro período do curso e nunca tinham trabalhado com alunos de outros cursos, nem com projetos que envolviam arte. Os alunos do Brinca que Melhora nunca tinham aprendido sobre PAAS pela vertente apresentada pelo Como Crescemos. As professoras dos projetos nunca tinham trabalhado juntas diretamente. Nesse sentido, as reuniões, oficinas e ensaios foram essenciais para de fato materializar a interdisciplinaridade almejada.

6.2 Caracterização das atividades desenvolvidas

6.2.1 Peça teatral: Origem dos Alimentos (Enredo em Anexo 2)

A peça iniciava com um ator-palhaço dizendo que estava com muita fome e que então teve a ideia de plantar uma árvore de laranja para comer. Porém, mesmo regando, a árvore não crescia rápido como ele queria. Ele questionava um segundo palhaço o porquê dele ter plantado uma semente e ela não ter virado uma árvore imediatamente. O segundo palhaço respondia que não era assim, que a semente não crescia rápido, que a comida não vinha da terra, mas sim do mercado.

Um terceiro palhaço entrava na estória e comentava que levava tempo para a árvore crescer e dar frutos. Ele explicava como é plantada uma árvore, usando em cena um vaso com terra real e sementes. O primeiro palhaço então, perguntava de onde vinham outros alimentos que ele tinha em casa. Vinham do mercado, feira, geladeira, terra ou árvore? Então o terceiro palhaço explicava a origem dos alimentos, mostrando, de forma lúdica, que existem determinados alimentos que vem do “chão” (raízes) (Figura 1, 2 e 3). Para isso, o ator usou em cena uma caixa com terra e uma beterraba real. O palhaço também ensinava que existem alimentos que vinham da árvore - na peça representada por uma folha de E.V.A. com maçãs falsas. As crianças interagiram bastante neste momento, querendo tirar as raízes de dentro da terra (Figura 3).

Ao final da peça, os palhaços se despediam e cantavam uma música para encerrar (Figura 4). A música era uma paródia (Anexo 3), construída especificamente para a peça, com base na original “Piuí Abacaxi”, do grupo “Trem da Alegria”, popularizada na voz da Xuxa Meneguel. Os atores-palhaços formavam um “trenzinho” saindo em direção à porta. Um saía e os outros dois puxavam para retornar e, então, iniciar a atividade avaliativa “Dinâmica das Cartas”.

Figura 1: Crianças interagindo com os palhaços durante peça teatral - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

Figura 2: Crianças olhando o alimento saindo da terra - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

Figura 3: Crianças tocando no alimento que estava dentro da terra - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

Figura 4: Crianças interagindo com os palhaços enquanto cantavam a paródia - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

6.2.2 Atividade avaliativa: Dinâmica das Cartas (Figura 5 e Figura 6)

Essa atividade fluiu sem entraves. O fato dos próprios palhaços da peça retornarem para jogar com as crianças, facilitava a interação e a curiosidade.

Figura 5: Aluno escolhendo uma carta durante a dinâmica das cartas - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

Figura 6: Cartas para a dinâmica das cartas - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

6.2.3 Atividade de experimentação: Carimbo de Beterraba (Figura 7, Figura 8 e Figura 9)

Esta atividade também foi considerada exitosa. As crianças interagiram bastante e ficaram surpresas com a tinta que saía da beterraba.

Figura 7: Carimbando a mão da aluna com beterraba - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

Figura 8: Como era feito o carimbo - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

Figura 9: Resultado do carimbo - Como Crescemos/Brinca que Melhora - Macaé, 2019.



Autor: Maria Eduarda de Arruante (2019).

Fonte: Arquivo Projeto Como Crescemos e Brinca que Melhora.

6.3 Avaliação das atividades

6.3.1 Por parte da escola

As professoras, bem como os demais profissionais da escola, eram extremamente receptivos e estavam sempre dispostos a ajudar a equipe dos projetos. As professoras recebiam bem a equipe e deixavam as turmas prontas para as atividades, sempre incentivando bastante as crianças, possibilitando uma construção de vínculo. A escola disponibilizava um espaço reservado para os palhaços se maquiarem e guardarem materiais e ajudavam durante as atividades.

Esse apoio da escola e o fato de estarem sempre organizados e preparados para receber a equipe dos projetos demonstrava que consideravam as atividades importantes e eram de seu interesse.

6.3.2 Por parte das crianças

As crianças participavam e interagiam muito durante as atividades. Os palhaços conseguiam a atenção das crianças, que sempre se manifestavam durante a peça. Algumas crianças levantavam e queriam participar da peça, o que demonstrava o total interesse delas.

Nas turmas das crianças menores (maternal 1 e 2), algumas choravam inicialmente. Mas no decorrer das atividades, elas perdiam o medo e interagiam

bem, especialmente no momento da atividade avaliativa e de experimentação do Carimbo de Beterraba.

No que se refere à avaliação do conhecimento específico, foram pouquíssimos os erros que as crianças cometiam durante a Dinâmica das Cartas.

Durante as apresentações, os discentes notaram que em turmas de pré-primário os alunos achavam a avaliação muito fácil (em comparação com as turmas de maternal), então adaptaram a peça com perguntas mais difíceis, perguntando o nome da árvore que vinha aquela fruta. Sendo assim, os alunos mostravam mais dificuldade, porém os erros também eram poucos.

6.3.3 Por parte dos graduandos

O grupo focal durou cerca de uma hora e todos os alunos participantes das atividades de extensão estavam presentes. Os participantes interagiram igualmente, com oportunidades de fala equivalentes. Todos estavam com áudio e vídeo abertos, não ocorrendo entraves técnicos. Os graduandos demonstraram estar motivados em participar do grupo focal, pois fizeram comentários espontâneos, não sendo necessária intervenção frequente da mediadora para estimular as falas.

Os graduandos listaram mais pontos positivos do que negativos acerca da experiência nos projetos de extensão. Algumas palavras usadas pelos participantes para qualificar a experiência com as ações foram “engrandecedora”, “enriquecedora”, “divertida” e “incrível”.

Dentre os aspectos positivos mencionados pelo grupo, destaca-se a importância da extensão no início da graduação, que aproxima os graduandos e a comunidade, trazendo para perto as necessidades sociais que esses irão vivenciar quando profissionais da saúde. Esse aspecto pode ser percebido na fala a seguir:

“(…) foi uma das minhas primeiras experiências com a extensão e eu gostei muito, foi bem legal. Até para desenvolver como profissional para atender o público infantil, que é uma área que eu gosto bastante. Foi uma experiência incrível.”

(Discente-A)

Como exemplificado na fala a seguir, os participantes também citaram a importância da multiprofissionalidade, ressaltando que o fato da equipe incluir três cursos distintos (Nutrição, Enfermagem e Medicina) era proveitoso tanto para os discentes, quanto para as crianças:

“(...) e também olhando muito para essa interdisciplinaridade dos cursos, que eram três cursos envolvidos: tanto da nutrição, enfermagem e medicina. Foi bom para a gente como aluno porque a gente conseguiu ter uma visão dessa integração e também para as crianças porque as três profissões, os três cursos puderam levar aprendizagem para elas de forma divertida.”

(Discente-B)

“(...) então eu achei que foi uma experiência muito enriquecedora, tanto pela oportunidade de estar perto das crianças quanto de expandir o conhecimento e trocar entre nós, entre cursos diferentes também, cada um trazia um porquinho do seu conhecimento para construir a atividade que a gente fazia, então eu acho que foi bem legal.”

(Discente-C)

Além disso, as alunas do Curso de Nutrição citaram que as ações das atividades foram essenciais como contato com o campo prático de EAN:

“Eu acredito que ajudou muito no nosso olhar profissional também e em visão muitas vezes da EAN (...). A gente teve o contato até antes de fazer a disciplina [de EAN] e a gente pode observar quando a gente teve as disciplinas a ligação da nossa prática do projeto com a teoria que a gente teve durante as aulas. Então eu acho que com certeza isso contribuiu muito para o nosso olhar profissional no futuro.”

(Discente-B)

“(...) a gente não tinha tido EAN ainda e aí a gente teve que começar a estudar sozinho, sem nenhuma base de EAN porque a gente não tinha tido ainda e isso antes de tudo ajudou muito a gente com as EANs (...). Então, assim, muitas coisas que a gente aprendia, assim, de públicos diferentes, de como cada turma reagia às coisas que a gente fazia, foi muito legal. Acrescentou bastante nas disciplinas que a gente

teve lá na frente. E acredito que profissionalmente com certeza vai acrescentar para a gente (...). Eu amei, foi um dos projetos de extensão que eu mais amei participar, com as crianças, ver as reações delas, com as coisas que a gente tinha planejado. Foi muito legal.”

(Discente-C)

Os graduandos dos outros cursos pontuaram que, com as ações, puderam enxergar além da ótica das próprias graduações, pois puderam aprender de forma aprofundada sobre o GAPB, introdução alimentar e os níveis de processamento dos alimentos:

“(...) a gente teve essa oficina com a nutrição e mudou completamente, porque o roteiro inicial, na concepção assim, do que a gente fez com base do que a gente aprendeu na medicina e na enfermagem, ele é todo sobre alimentos proibidos: refrigerante, doce, salgadinho... E aí o pessoal da nutrição trouxe exatamente essa noção para a gente, que muitas vezes a criança que a gente ia lidar, a faixa etária que a gente ia lidar, eles não conheciam esses alimentos ultraprocessados. Então a gente começou a pensar na ótica da promoção da saúde com a introdução alimentar. Isso foi muito interessante para a construção da peça.”

(Discente-D)

Outro ponto positivo citado, foi o retorno das crianças, pois as professoras trouxeram os comentários vindo dos pais/responsáveis, mostrando que a ação estava se capilarizando nas famílias. Como citado na fala a seguir:

“(...) as professoras vieram falar com a gente depois que os pais às vezes iam falar: “nossa, ele está chegando em casa e pedindo para comer beterraba, e eu nem comprava beterraba”, coisa assim, entendeu? E acaba que os pais também comem porque a criança come, então no final você ajudou a alimentação de todo mundo, não só da criança ali.”

(Discente-B)

Quanto a limitações, a equipe pontuou que algumas crianças de faixa etária menor tinham medo e se assustavam com a entrada dos palhaços e choravam no início da ação, como dito nestas falas:

“(...) questão do choro, eu acho que era porque eles eram bem novinhos. Tinham umas turmas bem de pré mesmo, então para mim eu acho que é comum esse choro, eles iam parando de chorar com o tempo, porque eram uma coisa muito nova, a gente chegava e meio que “assustava”.”

(Discente-E)

“Em relação a isso do medo, outro elemento que corroborava com as crianças, nesse sentido de chorar e tal, é porque nas primeiras apresentações, a gente aparecia de jaleco branco, porque nos hospitais a gente faz apresentação de palhaço mas a gente vai de jaleco e quem vai de jaleco branco na escola é dentista, e criança tem medo tanto de palhaço quanto de dentista. Então a gente chegava e a criança já pensava assim: “é o palhaço dentista” e aí não tem como, remete a figura do medo mesmo. Mas aí a gente foi pensando. Ah, vacina. A gente foi adaptando em relação a isso, tirou o jaleco, suavizou a maquiagem, para ficar melhor, mais palatável.”
(Discente-F)

Também pontuaram que planejar a peça dentro das condições socioeconômicas das crianças era difícil, em algumas turmas as crianças não tinham acesso aos alimentos que eram utilizados, sendo evidenciado nesta fala:

“(...) porque a gente tem que adaptar a peça para uma realidade diferente do que a gente está acostumado, nem todo mundo tinha acesso lá, às vezes as pessoas tinham plantações em casa, então tinha que incentivar, sempre falar com jeito”
(Discente-G)

Além disso, os graduandos citaram que foram convidados para fazer uma apresentação maior no pátio da escola para todas as turmas, porém a equipe ainda não se sentia preparada, pois seriam muitas crianças para interagir. Sendo citado abaixo:

“(...) eu lembro um pouco de uma limitação nossa que era mais nossa que da escola, que eu lembro que teve uma vez que a professora trouxe para a gente fazer uma apresentação maior, no pátio da escola, para mais alunos. Só que o que a gente fazia era uma coisa bem em turma, que a gente interagia mais, a gente tentava perguntar diretamente para as crianças. E aí quando veio a possibilidade da gente fazer uma coisa maior, para mais turmas juntas, a gente assustou. Então a gente foi e falou, não sei se conseguimos e tudo mais. Então foi realmente uma limitação mais nossa, a gente nem chegou a fazer essa atividade, com várias turmas mas foi uma oportunidade que surgiu, que a escola gostaria que a gente fizesse feito, mas que a gente acabou não conseguindo não fazer a tempo no prazo que eles precisavam, e a gente também não estava tão seguro para fazer para um número grande de pessoas.”
(Discente-F)

Foi citado como aspecto positivo e também negativo, a dificuldade de utilizar um vocabulário com menos termos técnicos, como o que se aprende durante a

graduação. Por um lado era bom para treinar mais formas de comunicação para se aproximar das crianças, mas por outro era difícil, devido à falta de costume:

“A maior dificuldade que a gente tinha, era que a gente sempre aprende tudo em uma linguagem técnica e a conversar com adultos de uma forma não tão técnica mas ainda assim de forma adulta, então transformar isso tudo para uma criança e fazer a mensagem chegar para essa criança, para que ela entenda que aquele alimento é bom, que vem de um lugar, que vem de outro lugar.”

(Discente-D)

Por fim, os graduandos só sabiam para qual faixa etária iriam se apresentar na hora da peça, tendo que adaptar a apresentação no momento da execução, tornando-a mais difícil ou mais fácil de acordo com o que era visto no momento. Como explicado abaixo:

“Talvez eu esteja falando demais, mas é porque eu lembrei que uma coisa em relação a escola que era um pouco, que complicava um pouco para gente, e que quando a gente chegava lá que eles falavam para qual turma a gente ia e a faixa etária, a gente não tinha muito essa noção prévia para qual turma a gente apresentaria aquele dia e qual faixa etária a gente ia encarar. Então, já teve situações que chegamos em uma turma que era muito novinha e a gente ia perguntando o nome dos alimentos e eles não sabiam responder, enquanto que no mesmo dia em outra turma a gente chegava trazendo os alimentos e eles sabiam tudo e ficavam olhando para a nossa cara tipo: “sério que vocês acham que eu não sei que isso aí é uma beterraba”, então assim isso foi uma limitação, a gente não sabia qual faixa etária que a gente tava lidando.”

(Discente-F)

7. Reflexões sobre a experiência educativa

O ambiente escolar é o espaço ideal para as atividades de EAN na educação infantil, pois é na infância que grande parte dos hábitos saudáveis são formados e as crianças permanecem longos períodos de tempo na escola. Sendo assim, o conteúdo de EAN que será trabalhado para essa faixa etária requer um planejamento adequado e bem aplicado.

Nesse sentido, existem quatro pontos para obter êxito em um planejamento de EAN: o primeiro é haver um problema a ser corrigido, seguido por elaborar uma proposta de intervenção. Já o terceiro ponto é definir o que será abordado durante as ações e, por fim, ocorre a realização do planejamento (FAGIOLI e NASSER, 2006). Destaca-se que uma ação de EAN bem planejada, requer discussões e

oficinas sobre o assunto a fim de minimizar todos os erros que podem ser cometidos. A experiência relatada neste trabalho está de acordo com esses pressupostos de EAN, uma vez que houve rico planejamento prévio para adequar a atividade à faixa etária e realidade das crianças.

É necessário que ações educativas permitam abordagens criativas. Uma ferramenta utilizada para atividades que envolvem crianças é a ludicidade, pois pode ser manifestada de diversas formas como através de jogos, atividades de lazer, brinquedos e divertimento, fazendo uma fusão entre o lazer e a aprendizagem (BEUTER e ALVIM, 2010). Um exemplo da utilização do recurso lúdico de atividade de lazer é a peça teatral, que para o exercício da EAN desperta a atenção, o interesse e a curiosidade das crianças, facilitando a participação do grupo. Além disso, o uso da música associado ao teatro promove o bem-estar e a integração, proporcionando o processo educativo (DOS SANTOS e BERGOLD, 2018). Esses benefícios da ludicidade na EAN foram perceptíveis nesta experiência, uma vez que a interação com a presença dos palhaços, da peça teatral e da paródia favorece com a interação das crianças com o tema proposto.

O lúdico também pode ser usado efetivamente como estratégia de avaliação na educação infantil. De forma leve e divertida permite que o aprendizado da criança seja avaliado sem gerar nenhum julgamento sobre seu desempenho. Através das brincadeiras e jogos, é possível perceber e avaliar o nível de entendimento de cada indivíduo. A “Dinâmica das Cartas” foi um exemplo de atividade avaliativa que, por consistir em uma brincadeira, provavelmente nem foi percebida pelas crianças como uma avaliação.

Além dos benefícios para as crianças que participaram das atividades, a experiência aqui descrita favoreceu a formação dos graduandos participantes. O impacto na formação dos graduandos advindo da extensão universitária tem sido relatado em outros trabalhos, como por exemplo no livro Saberes e experiências da extensão em promoção da saúde, nas seções I (Promovendo saúde por meio da nutrição e alimentação saudável: Foco em público infanto-juvenil) e IV (Promovendo saúde por meio da arte), e é citado na Política Nacional de Extensão (FORPROEX, 2012). Este relato de experiência ratifica esse impacto positivo, em especial trazendo falas de graduandos coletadas por meio de grupo focal. Cabe destacar que essa ferramenta de entrevista coletiva auxilia a compreender melhor os papéis de cada participante da equipe, e estimula com que o grupo interaja

entre si, dividindo seus pontos de vista sobre o assunto e trocando experiências (TANAKA e SANTANA, 2018). Pelas falas dos discentes, foi notória a importância da participação deles nas atividades descritas, favorecendo a formação acadêmica e pessoal.

8. Considerações finais

As atividades demonstraram êxito, tanto para a escola e as crianças quanto para os extensionistas, sendo evidenciado através da participação da equipe escolar, avaliação efetiva das crianças e relatos positivos dos discentes.

Para que o resultado seja ainda mais benéfico, é importante que atividades como estas ocorram de forma contínua e duradoura nas escolas. Isso ressalta a relevância do PIPS e de projetos de extensão como o Como Crescemos e o Brinca que Melhora, que há anos desenvolvem ações em Macaé. As atividades nem sempre seguem o mesmo modelo e podem se modificar ao longo do tempo, mas os resultados deste trabalho reforçam a importância de continuar a fazê-las, preferencialmente incluindo o lúdico e a interdisciplinaridade.

A EMEI escolhida para as ações deste trabalho possuía elevada prevalência de sobrepeso e obesidade entre as crianças, o que motivou o desenvolvimento de ações educativas de intervenção nesta escola. Cabe lembrar que o país se encontra em uma situação de transição nutricional, com crescente prevalência de sobrepeso e obesidade entre crianças e adolescentes, o que justifica a continuidade de ações como essas relatadas.

A prática da EAN nas escolas é fundamental para a promoção de hábitos alimentares saudáveis, sendo um espaço importante para a discussão sobre alimentação. O desafio de abordar a EAN no ambiente escolar pode ser minimizado através da extensão universitária, incluindo interdisciplinaridade e ludicidade. Esta experiência ressalta que as crianças interagiram de maneira favorável no contexto da peça teatral, permitindo o alcance dos objetivos iniciais.

A extensão universitária no início da formação acadêmica propiciou aos graduandos uma experiência enriquecedora que auxiliou nas disciplinas teóricas durante todo o curso da graduação, além de permitir uma visão mais afluída de um futuro profissional. Outro ponto importante, foi a interdisciplinaridade entre os

três cursos envolvidos nas ações, que proporcionou uma aprendizagem dinâmica de um ponto de vista diferente do cotidiano da sala de aula.

9. Referências

ALMEIDA, G.M. et al. Educação Alimentar e Nutricional no exercício profissional do nutricionista atuante no Programa Nacional de Alimentação Escolar: um panorama brasileiro. **DEMETRA: alimentação, nutrição & saúde**. Goiânia-GO, v.13, n. 4, p. 851-873., ago./out. 2018. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/36604/27251>

Acesso em: 2 jun. 2022;

BERGOLD, L. B.; ALVIM, N. A. T. Influência dos encontros musicais no processo terapêutico de sistemas familiares na quimioterapia. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, n. 20, p. 108-116, 2011;

BERLEZE, D.J. et al. Idosos Institucionalizados e Santa Maria (RS): o lazer como uma possibilidade de inclusão social. v.17, nº4, **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo-SP, 2014;

BEUTER, M.; ALVIM, N.A.T. **Expressões lúdicas no cuidado hospitalar sob a ótica de enfermeiras**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro , v. 14, n. 3, p. 567-574, Set. 2010;

BEUTER, Margrid. **Expressões lúdicas no cuidado: elementos para pensar/fazer a arte da enfermagem**. 2004. 192f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004;

BISCARDE, Daniela Gomes dos Santos; PEREIRA-SANTOS, Marcos; SILVA, Lília Bittencourt. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, 2014;

BRASIL. Decreto de lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 20 dez. 1996. Seção 1, p. 27833;

BRASIL. Decreto de lei no 13.666, de 16 de maio de 2018. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir o tema transversal da educação alimentar e nutricional no currículo escolar. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 16 maio 2018. Seção 1, p.1;

BRASIL. **Dez passos para a alimentação saudável nas escolas**, 2006.

Disponível em:

<http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/dez_passos_pas_escolas.pdf>. Acesso em: 7 de julho 2022;

BRASILEIRAS, Superior. **Política nacional de extensão universitária**. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, 2012;

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010;

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. – Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012;

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília, 2014;

CAMOZZI, Aída Bruna Quilici et al. Promoção da Alimentação Saudável na Escola: realidade ou utopia?. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 23, p. 32-37, 2015;

CAPELLI, Jane de Carlos Santana et al. Ações de promoção da alimentação saudável no primeiro ano de vida em Macaé. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição-RASBRAN**, v. 9, n. 2, p. 9-16, 2018;

CORDEIRO, A. A.; LOURENÇO, A. E P.; PONTES, P. V. **Brincar, comer e nutrir: atividades lúdicas para a educação infantil**. Curitiba: CRV, 2017;

COSTA, R. R. S.; CORDEIRO, A. A.; LOURENÇO, A. E P. **Educação alimentar e nutricional na infância**. In: CORDEIRO, A. A.; LOURENÇO, A. E P.; PONTES, P. V. **Brincar, comer e nutrir: atividades lúdicas para a educação infantil**. Curitiba: CRV, 2017;

COSTA, Gabriela Giordano et al. Efeitos da educação nutricional em pré-escolares: uma revisão de literatura. **Com Ciências Saúde**, v. 24, n. 2, p. 155-68, 2013;

DANELON, M. A. S; DANELON, M. S; SILVA, M. V. Serviços de alimentação destinados ao público escolar: análise da convivência do Programa de Alimentação Escolar e das cantinas. **Rev. Segurança Alimentar e Nutricional**. Campinas, v. 13, n. 1, p. 85-94, 2006;

DE SOUZA, Thamara Rosa; BEZERRA, Aída Couto Dinucci. **CONTRIBUIÇÕES DE PROJETO DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE ESTUDANTES NO CURSO DE NUTRIÇÃO DA UFMT**. Disponível em:

<https://evento.ufmt.br/download/sub_6eed68a065b647b82e4e087df37a3ace.pdf>.

Acesso em: 10 jun.2022;

DOS SANTOS, Ana Paula Machado; BERGOLD, Leila Brito. Oficinas musicais: a utilização do lúdico e da música para Educação Alimentar e Nutricional com escolares. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição-RASBRAN**, v. 9, n. 2, p. 88-93, 2018.

EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL EAN. FNDE. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/pnae/pnae-eixos-de-atuacao/pnae-educao-alimentar-nutricional>>. Acesso em: 10 jun 2022;

Extensão Universitária: Organização e Sistematização”, do FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Belo Horizonte: **COOPMED**, 2007. 112 p. (Coleção Extensão Universitária; v.6);

FAGIOLI, Daniela; NASSER, Leila Adnan. **Educação nutricional na infância e na adolescência: planejamento, intervenção, avaliação e dinâmica.** In: Educação nutricional na infância e na adolescência: planejamento, intervenção, avaliação e dinâmica. 2006. p. 241-241;

FORPROEX. **FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS.** Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre: Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. (Coleção Extensão Universitária, v. 7);

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 58ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997;

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e a educação popular.** 2007;

LEITE, Maria Francilene et al. Extensão popular na formação profissional em saúde para o SUS: refletindo uma experiência. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 1569-1578, 2014;

LOURENÇO, A. E. P.; BERGOLD, L. B. Saberes e Experiências de Extensão em Promoção da Saúde. 1.ed. Campos dos Goytacazes- RJ: **Essentia Editora**, 2019;

LOURENÇO, A. E. P.; BERGOLD, L. B. Saberes e Experiências de Extensão em Promoção da Saúde. In: BERGOLD, L. B.; MARTINS, G. C. S.; PINTO, F. M.; SILVA, K. G.; ALMEIDA, W. M.; (orgs.). **Brinca que Melhora: promoção da saúde**

por meio de atividades lúdicas. 1.ed. Campos dos Goytacazes- RJ: Essentia Editora, 2019;

LOURENÇO, A. E. P.; BERGOLD, L. B. Saberes e Experiências de Extensão em Promoção da Saúde. In: BERGOLD, L. B.; TAETS, G. G. P.; SANTOS, A. P. M.; FECHER, J. R.; (orgs.). **Oficinas Musicais: desenvolvendo estratégias criativas voltadas para educação e promoção da saúde.** 1.ed. Campos dos Goytacazes- RJ: Essentia Editora, 2019;

LOURENÇO, A. E. P.; BERGOLD, L. B. Saberes e Experiências de Extensão em Promoção da Saúde. In: CORDEIRO, A. A. (org.). **Brincar, comer, nutrir: atividades lúdicas para a promoção da alimentação saudável - Projeto LuPAS.** 1.ed. Campos dos Goytacazes- RJ: Essentia Editora, 2019;

LOURENÇO, A. E. P.; BERGOLD, L. B. Saberes e Experiências de Extensão em Promoção da Saúde. In: LOURENÇO, A. E. P.; PONTES, P. V. (orgs.). **Escolha Saudável Utilizando Rótulos de Alimentos: caminhos e vivências de um projeto de extensão.** 1.ed. Campos dos Goytacazes- RJ: Essentia Editora, 2019;

LOURENÇO, A. E. P.; BERGOLD, L. B. Saberes e Experiências de Extensão em Promoção da Saúde. In: LOURENÇO, A. E. P.; ROCHA, C. M. M.; PONTES, P. V.; TEIXEIRA, T.M. (orgs.). **Promovendo crescimento e ganho de peso saudável na escola: a experiência do projeto Como Crescemos.** 1.ed. Campos dos Goytacazes- RJ: Essentia Editora, 2019;

LOURENÇO, A. E. P.; PONTES, P. V. **Ambiente alimentar e promoção da alimentação saudável na escola.** In: LOURENÇO, A. E. P.; PONTES, P. V. (orgs.). **Conversa sobre Alimentação na Escola,** Editora CRV, 2019;

LOURENÇO, A. E. P.; PONTES, P. V. (organizadoras); ZOPELLARI, W. G. (ilustrador). **Conversa Sobre Alimentação na Escola.** Curitiba: CRV, 2019.

MACHADO, A. L. N. **Extensão universitária e produção de material educativo sobre alimentação saudável na escola.** Trabalho de Conclusão de Curso

[Graduação em Nutrição/UFRJ-Macaé]. Macaé, Rio de Janeiro. Orientadora: Dra. Ana Eliza Port Lourenço. 2019. Disponível em: https://d6c04836-590b-426b-8c21-1ecd63ef2dc.filesusr.com/ugd/cade0c_430e2cd9eba64c7d84ac8597ed352dfd.pdf Acesso em: 1 jun. 2022;

MACIEL, Karen de Fátima. **O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular**. 2011;

MASTELLA, Izabel Cristina Rui et al. **A teoria piagetiana na educação atual: um retorno necessário**. In: XVI Congresso Internacional de Educação no Mercosul. 2014;

Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília: MS; 2010;

MOREIRA, Bernadete; PELLIZZARO, Inês. Educação em Saúde: um programa de extensão universitária. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 8, n. 1, p. 156-171, 2009;

NICOLAIEWSKY, C. A. **O brincar e o desenvolvimento infantil**. In: Brincar, comer e nutrir: atividades lúdicas para a educação infantil. Curitiba: CRV, 2017;

O direito humano à alimentação adequada e o sistema nacional de segurança alimentar e nutricional. **ABRANDH**. Brasília. 2013. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/DHAA_SAN.pdf. Acesso em: 7 jun. 2022;

O QUE É EXTENSÃO?. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/index.php/o-que-e-extensao> Acesso em: 15 de jun. 2022;

Pan American Health Organization. **Health Indicators**: Conceptual and operational considerations. Washington, D.C.: PAHO, 2018;

SANTANA, Regis Rodrigues *et al.* Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. **Educação & Realidade**, v. 46, 2021;

SILVA, Antonio Fernando Lyra da; RIBEIRO, Carlos Dimas Martins; SILVA JÚNIOR, Alúcio Gomes da. Pensando extensão universitária como campo de formação em saúde: uma experiência na Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 17, p. 371-384, 2013;

TANAKA, L. H.; SANTANA, C. L. A. Grupo Focal como importante ferramenta de pesquisa participativa em Saúde. **TOLEDO, RF et al. Pesquisa participativa em saúde: vertentes e veredas, São Paulo: Instituto de Saúde**, p. 203-241, 2018.

ZANCUL, Mariana de Senzi. **Orientação nutricional e alimentar dentro da escola**: formação de conceitos e mudanças de comportamento. 2008.

ANEXO 1

Roteiro de entrevista semi-estruturada para grupo focal para avaliação das atividades pelos graduandos:

Pergunta Ativa	Objetivo	Temas de Interesse
Quais atividades vocês desenvolveram/participaram enquanto eram extensionista na Escola de Educação Infantil?	<ul style="list-style-type: none"> - quebrar gelo - ativar a memória 	<ul style="list-style-type: none"> - atividades desenvolvidas na escola - atividades de planejamento e treinamento - ensaios da peça - oficina sobre alimentação saudável
Como foi para vocês participar das atividades na escola?	<ul style="list-style-type: none"> - avaliar o impacto na formação 	<ul style="list-style-type: none"> - percepções sobre impacto na formação
Como foi para vocês participar das atividades de planejamento e treinamento para as ações na escola?	<ul style="list-style-type: none"> - avaliar o impacto na formação 	<ul style="list-style-type: none"> - percepções sobre impacto na formação
Qual a opinião de vocês sobre a participação das crianças e o envolvimento da escola durante as atividades?	<ul style="list-style-type: none"> - avaliar o impacto da ação para as crianças e escola 	<ul style="list-style-type: none"> -dificuldades da ação -facilidades/potencialidades -interação das crianças -envolvimento da escola

Vocês gostariam comentar mais alguma coisa?	- garantir voz - finalização	- curiosidades -comentários gerais
---	---------------------------------	---------------------------------------

ANEXO 2

Roteiro da peça “Origem dos alimentos”:

Situação Inicial: Darwin está sentado impaciente com um vaso de planta e Estrela entra em cena, observando.

Darwin entra com uma sementinha de laranja e fala que vai plantar pra crescer e ele comer logo.

Darwin: Hey, plantinha por que você não cresce logo e vira uma laranja bem gostosa, pois eu estou com tanta fome...hmm...hm... Vou regar pra ver se cresce mais rápido. Vai, cresce, cresce, cresce! Me ajuda gente! Cresce, cresce.

Estrela: Oshi, mas o que cê tá fazendo, Darwin? Onde já se viu falar com a planta, tá doido, é?

Darwin: Não tô doido, cabeça de vento... Eu estou com fome e acabei de plantar uma fruta, só que não nasce e minha barriga não para de roncar...

Estrela: Mas Darwin, onde já se viu isso, não é da terra que vem as frutas...

Darwin: Ué e vem donde?

Estrela: Vem do pacote lá do mercado... Dãhh, vai me dizer que você não sabia disso?!

Darwin: Mas eu jurava que alguém tinha me dito que a fruta nasce da terra.

Estrela: Não, isso é invenção... Vem é lá do mercado do seu zé...

Frô e Kakau chegam e escutam a conversa.

Frô: Mas o que é que vocês dois estão falando ai, ein?

Kakau: Que papo estranho.

Darwin: Eu tô falando que a fruta vem da terra e a Estrela disse que a planta vem do mercado da sacola da esquina!

Estrela: Mas tu é cabeça de vento, mesmo, eu disse foi que a fruta vem da sacola que está no mercado...

Frô: Na-na-ni-na-não, nem um nem outro! A fruta vem mesmo é da árvore.

Darwin e Estrela: O QUE??

Darwin: Só acredito vendo isso.

Estrela: Ihhh, tá imaginando coisa esse daí...

Frô: Ah é, deixa eu mostrar pra vocês que não é mágica ou imaginação, é a naturezaaaa.

Frô aponta para o vaso de planta e depois aponta para a árvore.

Frô: A sementinha que a gente planta na terra, se for cuidada direitinho, com o tempo, vai crescendo, crescendo... Até se tornar uma árvore grandona desse jeito e só aí que ela começa a dar os frutos para a gente comer..

Estrela: Ihh, eu entendi foi é nada dessa conversa... Se a fruta vem da árvore e não do mercado, como é que tem vários tipos de frutas diferentes para escolher?

Frô: Porque cada árvore vai dar uma fruta diferente! Tem árvore que dá banana, tem árvore que dá maçã...Aí depois que colhe que vai pro mercado, onde a nossa mãe compra!

Darwin vai até a árvore e pega uma fruta

Darwin: Verdade, né? Essa árvore aqui dá laranja e essa aqui dá banana. Então quer dizer que tudo que a gente come vem da árvore?

K: Também não é assim, Darwin, tem coisa que a gente come que vem de baixo da terra mesmo tipo o aipim, a cenoura e a beterraba.

Darwin e Estrela juntos: Debaixo da terra???

Kakau pega a caixa com terra.

Kakau: Nessa caixa eu mesma plantei algumas sementes de verduras e legumes já tem um temmpooozin, depois eu reguei e esperei, e esperei, e esperei... Acho que está na hora de colher.

Kakau arranca os legumes e mostra

Kakau: Óh, aqui eu tinha plantado cenoura, beterraba e aipim.

Estrela: Ué, mas isso aí é mandioca! Não é aipim não, doida.

Kakau: É a mesma coisa! Mandioca e aipim são só nomes diferentes, cada um chama do jeito que preferir.

Darwin: Eita, mas esse aipim tá parecendo a raiz da árvore! O que eu como não é assim não.

Frô: Ih, mas eu aprendi que tanto o aipim, quanto a beterraba e a cenoura são tipos de raízes.

Darwin: Que doideeeira.

Kakau: Pois é, mas a beterraba e a cenoura nós comemos assim mesmo. Só que o aipim tem

que limpar e cozinhar primeiro, por isso é diferente, entendeu Darwin?

Darwin: Ahhh, entendi agora.

Kakau: É simples e gostoso! Agora, é só dar para minha mamãe lavar, cozinhar e ir para o meu

prato, porque de tanto falar de comida, bateu uma fominha. Vamos lá pra casa comer?

Estrela: Não, pera, vamos cantar uma música antes?

Todos: VAAAAMOS!

ANEXO 3

Letra da música autoral (paródia):

Trem das frutas – Brinca que melhora

Piuí! Piuí! Piuí!

O trem das frutas vem aí

Piuí! Piuí! Piuí!

Não deixe o trem desanimar

O que é que tem no trem?

Laranja!

O que é que tem no trem?

Banana!

O que é que tem no trem?

Maçã!

Tem tudo isso no trem, tchauzinho para terminar.